

Disponível em www.cerescaico.ufrn.br/mneme

Natureza, Religião e política nos escritos de Miguel Venegas sobre as missões jesuítas da Baixa Califórnia

Beatriz Helena Domingues

biahd@attglobal.net

Professora adjunta do Departamento de História da UFJF (MG), Brasil, Atualmente de licença, desenvolvendo pesquisa de pós-doutorado na University of Maryland-College Park, MA, USA, sobre 'Pensamento jesuíta no século XVIII'.

O objetivo deste artigo é apresentar o pensamento do jesuíta Miguel Venegas, autor de *Notícia de la California y de su conquista temporal y espiritual hasta el tiempo presente*, publicado em 1757. Venegas, como outros jesuítas mexicanos contemporâneos a ele, normalmente dedicava-se à história, mas escreveu também sobre geografia, política, astronomia, etc. Em sua tentativa de conciliar modernidade e tradição, seus escritos não passam, muitas vezes, de reiteração, às vezes conservadora, de escritos anteriores. O que o autor parece mais interessado em fazer é intervir na política da coroa espanhola em relação à Califórnia, em termos de comércio e navegação, mas principalmente no que concerne a uma política estratégica de defesa daquela parte desprotegida do império espanhol contra a expansão de ingleses e russos.

Palavras chaves

Pensamento jesuíta no século XVIII; Califórnia no século XVIII; Missões Jesuíticas na Califórnia.

Religion, Politics, and Geography in the writings of Miguel Venegas on the Jesuit Missions in Lower California

The main purpose of this article is to present the thought of father Miguel Venegas, author of *News from California and its temporal and spiritual conquest until now*, published in Mexico in 1757. Father Venegas, as other contemporaneous Mexican Jesuits, was normally devoted to History, but he wrote also about geography, politics, astronomy, and so on. In his attempt to conciliate modernity and tradition, Venegas' writings were, many times, nothing more than a reiteration, some times conservative, of older formulations. What the author seems more interested in is interfering with the Spanish crown's policy towards California, either in terms of commerce or navigation, but mainly towards a political strategy for the defense of the Spanish Empire where it was weaker against English and Russian expansion.

Key words

Eighteenth Century Jesuit Thought; Eighteenth Century California; Jesuit Missions in California. Religião, política e geografia nos escritos de Miguel Venegas sobre as missões jesuítas da Baixa Califórnia
Introdução

A partir da leitura da obra do padre jesuíta Miguel Venegas, autor de *Notícia de la California y de su conquista temporal y espiritual hasta el tiempo presente*, escrito no México em 1739 e publicado em 1757, este artigo visa investigar como, no século XVIII, os interesses e objetivos

missionários jesuítas coexistiam - e pareciam complementar - interesses históricos, políticos e 'científicos'¹. Tal preocupação insere-se em um projeto maior de investigação sobre a coexistência entre tradição e modernidade no pensamento jesuítico, entre a permanência da opção filosófica pelo tomismo e a presença de aspectos modernos e iluministas nos escritos jesuítas do século XVIII². Desde o século XVII, os jesuítas vinham sendo contaminados pela busca moderna de uma verdade que ultrapassasse a mera probabilidade, pela valorização de uma racionalidade centrada no indivíduo, e pela valorização de um método moderno, que para muitos incluía a física moderna³. Os escritos do século XVIII parecem confirmar, em diferentes graus, certa continuidade da valorização do método científico e do conhecimento do mundo natural e astronômico, bem como do racionalismo, através de uma estratégia sincrética, eclética, também proveniente do século anterior. Se em alguns jesuítas o recurso ao ecletismo buscava valorizar o novo sem confrontar o tradicional, a obra do pe. Venegas parece-me um excelente exemplo do uso do ecletismo filosófico tendendo, em geral, mais para defesa do tradicional do que do novo. Esse aspecto é especialmente perceptível na resistência de Venegas frente à tese, já então amplamente aceita entre seus colegas jesuítas, que afirmava ser a Califórnia uma península e não uma ilha. Como veremos, se em alguns pontos ele agia como um diplomata afinado com os problemas político-estratégicos envolvendo jesuítas e a Monarquia espanhola, em outros, como na disputa sobre ser a Califórnia uma ilha ou uma península, ele retrocede em relação a descobertas e demonstrações que vinham sendo feitas por seus próprios colegas jesuítas desde fins do século XVII. Considero especialmente interessante ponderar como o uso do recurso ao método (moderno) nos seus escritos, combinado com um ecletismo conservador em significativos aspectos⁴. Conforme procuro mostrar, embora o autor(s) seja especialmente cuidadoso quando menciona suas 'autoridades', preocupando-se com a explicitação de suas fontes, afasta-se inteiramente de tal procedimento quando o tema é religião, especialmente a dos índios⁵.

O objetivo desta obra de Venegas, como de muitas outras do período, não parecer ser meramente apontar os méritos da ação missionária da Cia de Jesus, senão reforçar como o sucesso material (temporal) da colonização espanhola na Nova Espanha dependeu do sucesso espiritual empreendido pelos jesuítas. A ênfase nessa tese é ainda maior quando refere-se aos territórios áridos e remotos de Sonora, Baixa Califórnia e Novo México, ocupados por missionários franciscanos antes e depois do 'período jesuítico' (1697-1767). Isso fica bem claro na obra do jesuíta Miguel de Venegas, especialmente na quarta parte, onde o autor clarifica a utilidade, para a coroa espanhola, da conquista espiritual da Califórnia pelos jesuítas.

A inter-relação entre o sucesso espiritual e material da Cia de Jesus, na Europa e na América, é um fenômeno que vem sendo reconhecido por vários historiadores não jesuítas. François Chevalier, por exemplo, mostra como a Companhia de Jesus complementava sua rígida disciplina interna com uma sólida organização econômica, que não era proibida pelas regras da Ordem⁶. Após fundarem escolas nas principais cidades da Nova Espanha em fins do século XVI, um grupo significativo de jesuítas gradualmente dedicou-se à criação de uma cadeia de missões nos extensos territórios do noroeste. Enquanto outras ordens religiosas davam sinais de abatimento em seu trabalho missionário e educacional, os rígidos princípios e a inquestionável superioridade do sistema educacional dos filhos de Loyola atraíam amigos poderosos entre nobres, ricos mineiros (espanhóis ou crioulos) e espanhóis, que freqüentavam as suas escolas. O mais famoso apoio conseguido pelos jesuítas foi o de um homem de negócios, Alonso de Villaseca, que teria aconselhado os jesuítas a complementarem o sustento de seus colégios com haciendas. Como os colégios eram alta prioridade na Nova Espanha, o vice-rei Martín Enriquez fez vista grossa quando o Colégio Maior de São Pedro e São Paulo adquiriu terras para plantar e criar gado, e continuou a fazê-lo nos anos seguintes. Nessa ocasião, muitos dos poderosos mercadores da Cidade do México e Puebla, ou mesmo grandes mineradores, tornaram-se amigos ou benfeitores dos jesuítas. A aristocracia agrária não era tão generosa, provavelmente porque tinha menos dinheiro, mas era sempre aberta a alianças com os ricos mercadores. Em suma, em um período no qual a Igreja ainda era proibida de comprar, e mesmo de possuir propriedades nas Índias, os jesuítas sistematicamente construíram seus ricos 'estados' em um espaço de tempo impressionantemente curto e sem maiores dificuldades⁷.

1) As notícias da Califórnia do Pe. Miguel de Venegas

Os espanhóis foram os primeiros a fornecer uma descrição da região denominada Califórnia, então parte do vice-reino da Nova Espanha⁸. Dentre elas, as mais ricas e detalhadas foram aquelas escritas por missionários jesuítas. Venegas e outros jesuítas, antes e depois dele, contribuíram com valiosas informações para um conhecimento mais exato da geografia (latitudes e longitudes, portos, etc.) e história dos povos americanos (inclusive aprofundando o debate sobre povoamento original do continente), a partir de da prática missionária entre os então temidos 'bárbaros' californianos.

Padre Venegas foi um jesuíta missionário na região da Califórnia, considerado por alguns como um dos mais talentosos historiadores do século XVIII na Nova Espanha⁹, por outros como um reacionário¹⁰. A obra intitulada *Notícia de la California y de su conquista temporal y espiritual hasta el tiempo presente*, publicada em Madri em 1758 é, em realidade, uma reedição do manuscrito original do pe. Venegas, escrito em 1739 no México¹¹. O responsável pela 'edição' do manuscrito de Venegas foi o pe. Andrés Burriel, que resumiu o original, adicionando-lhe conhecimentos vindos à tona por ocasião de sua publicação, em Madri, em 1758, com o título acima exposto¹². Como as adições/correções parecem não ter sido poucas, consideramos útil adotar a nomenclatura sugerida por Peter Masten Dunne para o(s) autor(s) da edição de 1758: Venegas-Burriel¹³.

O objetivo do livro é, segundo seu autor(s), uma descrição o mais completa e clara possível da Califórnia, pois 'baseada no método mais acurado'. Tal descrição poderia contribuir significativamente para a descoberta de uma passagem ao norte que ligasse a América ao Oriente (onde os jesuítas tinham seus próprios entrepostos), uma preocupação que começou no século XVI, mas que não havia sido de todo abandonada no século XVIII. Mas, então, tratava-se de achar a comunicação das províncias do noroeste da Nova Espanha como Mar do Sul (Oceano Pacífico). A obra é dividida em quatro partes. Na primeira, discute o nome, a situação e a excelência da Califórnia. Dentre os três nomes então utilizados - Califórnia (o mais antigo), Nueva Albión (1577) e Ilhas Carolinas – Venegas-Burriel opta por Califórnia, no singular, como já utilizado por Bernal Díaz del Castillo, para 'reforçar que se tratava de uma península e não de ilhas, conforme as descobertas do pe. Kino¹⁴. Oferece informações, obtidas principalmente de observações efetuadas por jesuítas - 'aqueles que de fato propuseram-se a conhecer as costas da Califórnia' - , sobre suas ilhas, costas e golfos, solo e clima, história natural, curiosos detalhes das nações indígenas e de suas línguas, temperamento e maneiras dos californianos, sua política de paz e de guerra. Antes dos jesuítas, adverte-nos, os estudos mais exatos foram os relatos do General Sebastián Vizcaino, que visitou a região em 1602 por ordem de Felipe II¹⁵. Dentre os jesuítas, Venegas-Burriel diz-se admirador em especial do pe. Kino. Veremos, a seguir, as restrições a tal admiração.

Se o autor jesuíta Peter M. Dunne estiver correto em sua análise - que parece-me muito estimulante e bem fundamentada - o que Venegas-Burriel considera antigo ou moderno é bastante duvidoso. Ele parece descartar várias contribuições à geografia da Califórnia provenientes de estudos minuciosos feitos por jesuítas desde o início do século XVIII, e considerar como 'autoridades' autores cuja própria identidade é no mínimo discutível.

No texto de 1578, Venegas-Burriel assinala como as questões referentes à Califórnia foram tão incompletamente examinadas, gerando as gritantes contradições que emergem dos relatos. Venegas-Burriel parece fazer questão de reconhecer que mesmo seus colegas da Cia de Jesus, 'criados no seio das ciências e artes curiosas e úteis', sentem a falta de instrumentos de observação já disponíveis em outros países¹⁶. Não limitando-se a lamentar tais carências, Venegas-Burriel aponta 'alguns documentos mais modernos' sobre latitude e longitude que pôde conseguir, esquivando-se de referências aos mais antigos e conhecidos¹⁷. No que se refere à descrição de sua natureza, enquanto alguns tratados descrevem as costas da Califórnia como intoleráveis devido ao frio irascível, outros nos informam que suas costas são insuportavelmente quentes. Se alguns relatos referem-se a uma Califórnia seca e quase totalmente desprovida de água, outros oferecem a imagem de um lugar florescente, agradável e cheio de rios. Quanto à descrição dos habitantes, os relatos seiscentistas não conseguem se decidir se seriam eles ignorantes e brutos, ou dóceis, corteses e hospitaleiros.

Os jesuítas em geral, e Venegas-Burriel em especial, escolhem uma posição intermediária, congruente com o ecletismo que vinha caracterizando o trabalho intelectual e missionário dos inicianos desde o século XVI. No que se refere aos relatos anteriores sobre a Califórnia, admite o autor: 'há um pouco de falsidade em cada um dos relatos, mas tomados em termos gerais há um pouco de verdade neles'¹⁸. A Califórnia, embora seca e estéril no interior, é bem menos incômoda para a vida em sua praias, além de ser possível encontrar vales com água para beber e regar no próprio interior da península. Foi nessas paragens que os pobres californianos estabeleceram as suas *rancherías* e os missionários as *cabeceras* de suas missões e dos *Pueblos de Visita* de cada uma¹⁹. Ambas estavam sempre próximas dos rios e riachos, 'para que os índios se acostumassem à vida cristã e política, reduzidos a pueblos'. Mas, como não julga dispor de informações suficientes para falar com certeza e exatidão sobre essa questão²⁰, utiliza-se do argumento eclético de deixar a decisão por conta do leitor:

*Por essas e outras razões não me atrevo a decidir; e havendo muitas outras dificuldades da mesma natureza sobre essa costa exterior, bastá-me remeter o leitor à Relación de viaje del General Vizcaino (...) já que não dispomos de notícias mais exatas*²¹.

No capítulo dedicado aos animais e plantas, refere-se também à importância e deleite proporcionados pelas histórias naturais, alertando, todavia, para os cuidados de que devem cercar-se, ele e seus contemporâneos, em um momento em que, na Europa, tanto se valoriza o conhecimento experimental da natureza, como pode ser constatado nas galerias de curiosidades, museus, laboratórios, salas de demonstração, livros, etc.²².

No que concerne às nações e línguas da Califórnia, informa-nos Venegas-Burriel que o termo 'nação', entre os índios, 'refere-se aos que falam a mesma língua, sejam muitos ou poucos, vivam perto ou longe'²³. É grande a discordância, entre diversos autores, sobre o número de nações existentes na Califórnia: uns falam em três, outros em quatro ou cinco. Sua preferência é pela opinião do pe. Taraval, que reduz as nações indígenas a três, porque seriam três as línguas faladas: a dos Cohimí, dos Pericú e de Loreto, dividida essa em Guaycura e Uchiti. Ainda assim, Venegas-Burriel reconhece as dificuldades presentes nessa abordagem, pois a variação das línguas é tanta que, para quem não tiver conhecimento delas, podem parecer quatro ou cinco. Uma conjectura possível, em seu entender, é que 'de duas dessas línguas se formassem as três variações, e então seriam quatro, mas contadas de diferentes modos'²⁴. As três nações eram Pericú, Monquis e Cochimiés²⁵. Os californianos que compõem essas e outras nações menos conhecidas são, em geral, reconhecidamente

*bem formados e de estrutura corpulenta e bem feita: o rosto não é desprezível, ainda que o enfeiem untos com os quais se pintam, e os agujeros com que enfeitam suas orelhas e narizes. Sua cor é mais tostada e escura que a dos outros índios da Nova Espanha. Também são, em geral, robustos, fortes e de compleição saudável*²⁶.

São, todavia, como muitas outras nações, inclusive a dos incas, iletrados. Incapazes, portanto, de conservarem qualquer notícia do lugar de onde vieram (norte?) para habitar a Califórnia. Não parecem também possuir mecanismos de contagem do tempo²⁷. Uns dizem ter ouvido de seus antepassados que os antepassados desses teriam se escondido nas montanhas da península para escapar de nações mais fortes. Outros, que houve uma disputa entre dois senhores, que dividiram a população em dois bandos: o vencedor obrigou o perdedor a buscar asilo nos arredores das 'ilhas do mar'. Comentando as diversas hipóteses, Venegas-Burriel expressa antes de mais nada o seu espanto: parece-lhe extremamente estranho que tais índios não se envergonhem de reconhecer-se descendentes dos perdedores, quando seria-lhes perfeitamente possível e fácil, inverter a situação. Quanto ao que considera possível afirmar com certeza sobre o assunto, é mais uma vez o ecletismo que predomina:

*Até agora, nenhuma das nações americanas de um ou outro lado da linha equinocial tinham tido memória, conhecimento ou notícia firme e clara da Ásia, e da passagem pela qual puderam chegar à América; como tampouco nenhum dos últimos termos da Ásia, já reconhecidos e visitados pelos russos, tinham tido comunicação ou notícia dos americanos*²⁸.

No que concerne ao uso da razão, um tema tão caro ao Século das Luzes, Venegas-Burriel parece mais próximo de seus contemporâneos iluministas do que de seus colegas jesuítas do

século XVII, que viam no índio muito mais possibilidades de alcançar a verdadeira religião, e portanto a razão. Ouçamos diretamente o autor neste ponto:

*Os californianos são como os demais índios, com exceção dos peruanos e mexicanos, nos quais se encontram o cultivo da razão nas leis, milícias, polícia e demais ramos do governo'. Como dentre os demais índios, encontraríamos, entre os californianos, estupidez e insensibilidade: a falta de conhecimento e reflexão, a inconstância e a voluptuosidade de uma vontade e apetite sem freios, sem luz e sem objeto; o horror a todo trabalho e fadiga; a adesão perpétua de toda a linhagem ao prazer e entretenimento pueril e brutal (...) a falta miserável de tudo que forma os homens: racionais, políticos e úteis para a sociedade*²⁹.

Sua descrição apresenta, de forma clara, o discurso negativo que descreve as sociedades indígenas pelo que lhes falta para ser como as civilizadas. Daí para o estabelecimento de hierarquias entre tais sociedades primitivas e aquelas tidas como civilizadas, ou mesmo no interior das próprias sociedades indígenas (como é o caso do maior status atribuído aos incas e astecas), é apenas um pulo. Na descrição das sociedades indígenas pelo que lhes falta, Venegas-Burriel não esquiva-se sequer de comentar as carências 'positivas' - como as de ambição ou avaréza, inclinação para o fumo e a bebida - ainda que atribua-as ao estado de eterna infância em que se encontravam os índios, abordagem tão comum entre os iluministas. 'Eram tão dóceis que podiam ser induzidos ao bem ou ao mal'³⁰.

O governo dos californianos era composto de diversas *rancherías*, compostas por uma ou várias famílias unidas por parentesco, nas quais inexistia chefe supremo a cuja autoridade todos devessem obedecer, pagar impostos, ou oferecer cerimônias. Quem tinha alguma superioridade eram os feiticeiros (ou embaucadores), mesmo assim restrita a tempos de festa e enfermidades. A função do cacique era conduzir os membros de sua nação de um lugar ao outro, avisando-lhes sobre os perigos. 'Mas cada um era inteiramente dono de sua liberdade'³¹.

Fecha a primeira parte falando sobre a 'antiga falsa religião dos californianos'. Divide-a em dois tipos: os índios que viviam no continente eram, 'quando os espanhóis os encontraram, inteiramente livres de qualquer noção idólatra, tendo poucos ou mesmo nenhum ritual, já possuindo até mesmo algumas opiniões especulativas bastante singulares'. Os residentes nas ilhas, inversamente, 'eram pessoas profundamente escravas de suas próprias superstições'³².

A segunda parte da obra lida com a História da Califórnia desde o tempo em que foi descoberta até a chegada dos jesuítas. Inicia-se com um histórico das navegações ibéricas dos séculos XV e XVI, e como culminaram na descoberta do Mar do Sul (Oceano Pacífico), seguido de detalhada descrição da primeira descoberta por ordem de Cortés em 1536, após ouvir os relatos de Cabeza de Vaca e Frei Marcos de Niza sobre as maravilhas da América setentrional. Depois dela, foram feitos, de tempos em tempos, várias tentativas no sentido de obter-se um 'perfeito conhecimento' da extensão e dos produtos dessa península. Descreve alguns dos projetos elaborados na Espanha ou na Nova Espanha com esse propósito e a insatisfação e decepção por eles causados. Merece destaque a viagem do General Vizcaino em 1602, e a do Almirante don Isidro Otondo y Anillón, em 1679, da qual o jesuíta pe. Eusébio Kino foi nomeado cosmógrafo maior e superior das missões, ainda que o resultado não tenha sido plenamente satisfatório. O pe. Kino confessa ter enfrentado enormes dificuldades doutrinárias, que o fizeram limitar os batismos a casos extremos de risco de vida³³.

Após os resultados negativos da expedição de Almirante Olondo, o vice-rei da Nova Espanha decidiu que a Califórnia era inconquistável pelos meios até então utilizados. E que, sem mais tardar, se encomendasse a sua redução à Cia de Jesus, oferecendo-lhe os recursos financeiros necessários, anualmente, por parte do rei³⁴. Em 1685 é promulgada cédula real autorizando a empresa jesuítica na Califórnia, apesar da Rebelião de Tarahumares³⁵. Na primeira metade do século XVIII, Felipe V (1701-1746) emitiu várias *Cédulas* garantindo a presença jesuítica na Califórnia, tida como especialmente necessária após as revoltas ao sul por volta de 1734. Havia uma coincidência entre os objetivos da Monarquia e o dos missionários, entre o temporal e o espiritual, no sentido de expandir o sistema de missões até Gila e ao Colorado, e então à Alta Califórnia. Daí Felipe V ter confirmado a completa autoridade dos missionários sobre soldados e marinheiros: 'sem aquelas ordens [dos missionários], os

soldados talvez não consigam conviver com os índios, atacando-os, punindo-os, ou fazendo quaisquer outras coisas³⁶.

2) Venegas-Burriel interrogando-se sobre a natureza da Califórnia: tratar-se-ia de uma ilha ou de uma península?

A parte três, que corresponde ao volume II, é inteiramente dedicada à 'Redução da Califórnia pelos jesuítas e seus melhoramentos até o presente'. Começa questionando o por que do fracasso de repetidas expedições à Califórnia que acabaram por concluir ser a Califórnia uma terra inconquistável³⁷. Aqui ele nos informa que a corte de Espanha e seus vice-reis nas Índias, cansados de tantas expedições caras, tediosas e sem qualquer resultado, tinham abandonado qualquer esforço nesse sentido. A primeira iniciativa relativamente bem sucedida neste campo foi inteiramente devida ao padre Eusébio Kino.

A explicação do autor para as dificuldades interpostas à conquista da Califórnia não poderia ser mais tradicional, diríamos mesmo medieval: os homens que compunham tais expedições pretendiam lograr tal empresa com armas e poder. 'Mas Deus queria que tal triunfo se baseasse na brandura e fraqueza de seus Ministros, no abatimento pela cruz e pela força de sua palavra divina'. É como se Deus estivesse esperando 'que o poder humano reconhecesse, por si próprio, a sua debilidade, para fazer alarde da força de seu braço todo poderoso'. Ou seja, Deus só permitiu que se efetuasse a conquista da Califórnia quando os objetivos religiosos se impuseram sobre os temporais: 'Deus em primeiro lugar, e a Monarquia em segundo'³⁸. Daí a conquista ter parecido difícil ao pe. Kino, homem de grande preparo intelectual, com grande reputação na cátedra de matemáticas de Inglostad. Ainda que seus conhecimentos das 'ciências úteis da vida' servissem-lhe de estímulo ao empreendimento, 'o eleito por Deus foi outro, por certo bastante semelhante ao pe. Kino, o pe. Salvatierra'³⁹.

Kino foi remetido na condição de missionário para os arredores da Província de Sonora. Desde então, dispôs-se a confirmar a especulação, iniciada no século XVI, de que a Califórnia, que pensou-se tratar de uma ilha quando de sua descoberta, seria realmente uma península. Mas quem de fato estabeleceu-se na Califórnia foi o pe. Salvatierra, considerado por Venegas-Burriel um jesuíta mais determinado para que lograssem, com toda a força, as ardentes expressões do pe. Kino: 'Ele é o eleito de Deus para o apostolado da Califórnia'⁴⁰. Mas, reconhece Venegas-Burriel, logo após estabelecer-se na Baixa Califórnia, em 1697, o pe. Salvatierra ficou convencido da tese de Kino de que tratava-se de uma península e propôs-se a demonstra-la juntamente com seu colega.

Já desde fins do século XVII cresciam as especulações de que a Califórnia seria uma península, retornando uma posição defendida já no século XVI, e provada pelo pe. Kino em 1701, quando empreendeu uma viagem pelo norte da Nova Espanha (Primería) em direção ao oeste, de onde pôde confirmar que em todas as direções o que se via era somente terra, ao passo que ligeiramente mais ao sul, a comunicação entre as províncias de Sinaloa e Sonora com o oeste (a Califórnia) tinha que ser feita cruzando-se um mar. Não inteiramente convencido sobre essas 'conjecturas pioneiras' relativas à Península da Califórnia, o autor comenta:

Então vemos que opiniões antigas, particularmente quando se baseiam em matérias de fato, não devem ser rejeitadas drasticamente, que homens inquisitivos e sagazes estão sujeitos a erro; e que a autoridade das atuais descobertas, em questões deste tipo, são para ser apenas consideradas (sem ser possível uma palavra definitiva sobre a questão)⁴¹.

O recurso ao ecletismo, neste ponto, pode estar encobrindo uma importante divergência entre Venegas e outros missionários jesuítas que viveram e estudaram a Baixa Califórnia. Por que estaria o pe. Venegas em dúvida sobre um tema então considerado já amplamente demonstrado entre seus colegas jesuítas? Tratar-se-ia de uma divergência intelectual ou pessoal com o pe. Kino?

Começaríamos apontando o acentuado conservadorismo do autor(s) em matérias pertinentes à geografia da Califórnia, contrastando com outros colegas da Ordem. A rigor, alerta-nos Peter Masten Dunne, Venegas-Burriel mostra-se bastante reticente às recentes e às não tão recentes descobertas sobre a Califórnia feitas por seus próprios colegas jesuítas. No manuscrito original de 1739 Venegas havia dedicado dois capítulos (X e XI do livro VIII)⁴² para refutar idéias dos exploradores jesuítas Kino e Juan de Ugarte⁴³. Ugarte, informa-nos ele, ensinava filosofia no Colégio, mas tinha especial destreza para lidar com assuntos temporais, o que levou-o a sair para o trabalho missionário em auxílio ao pe. Salvatierra em 'um tempo perigoso em que se receavam rebeliões em outras nações'⁴⁴.

Dunne argumenta que, em 1700, o pe. Kino havia conseguido demonstrar sua hipótese de que a Califórnia era uma península subindo o famoso Tinajas Altas no sudoeste do Arizona. 'Eu vi nada mais que a continuação dessas terras com aquelas da Califórnia e as areias do Mar da Califórnia', reporta Kino⁴⁵. A divulgação, por ele próprio, de sua descoberta, em muito agradou o pe. Salvatierra, já propagandista de tese da península, na medida em que significava a existência de uma passagem terrestre para as missões da Califórnia. Isso de fato aconteceu em 1701, quando o pe. Salvatierra cruzou da península para a terra firme visando organizar, no porto de Guaimas, um depósito de suplementos a serem enviados para a Califórnia. Uma prova importantíssima no argumento de Kino e Salvatierra era a existência de umas conchas azuis, e outros artigos produzidos pelos índios da Califórnia, também entre os índios do continente. Acreditavam que tais objetos tinham que ter sido carregados por terra da península para o continente, ou vice-versa. Dois anos depois, em 1702, Kino dirigiu-se novamente para a foz do Rio Colorado, acampou durante toda a noite na praia, e viu o sol nascer sobre as águas do golfo: Califórnia é uma península! afirmavam categoricamente Kino e Salvatierra⁴⁶.

Não faltaram, naturalmente, os que interpussem restrições a tais descobertas. As principais, informa-nos Dunne, foram as do pe. Agustín de Campos, vizinho de Kino em Santo Ignácio, e as do pe. Luis Velarde, antigo companheiro de Kino em Dolores⁴⁷. Tentaram comprovar que a Califórnia era uma ilha empreendendo uma viagem em 1715, tal qual Kino e Salvatierra haviam feito em 1701. Embora a expedição nunca tenha sido feita, Velarde e Agustín de Campos continuaram a desacreditar as descobertas de Kino e Salvatierra. Em 1721, o pe. Ugarte, também jesuíta, e Strafford, confirmaram a tese da península navegando norte em um trajeto semelhante ao que os Kino e Salvatierra haviam percorrido por terra⁴⁸. Somente muitas décadas depois, após Ugarte e Consag terem confirmado a acuidade da descoberta de Kino, o pe. Jacobo Sedelmayr fez uma viagem em 1747, demonstrando definitivamente que o Rio Colorado desembocava diretamente do norte e penetrava no golfo desde o noroeste⁴⁹.

Mas, mesmo essas novas descobertas não foram suficientes para convencer alguns defensores da tradição. O que surpreende o leitor moderno, alerta-nos Dunne, é que o pe. Venegas-Burriel possa ser incluído entre eles, uma vez que em outras matérias, ele manifesta-se um perseguidor bastante metucioso da verdade, e em outras praticamente um iluminista. Quando da aposentadoria do pe. Juan Bautista Luyando da missão de Santo Ignácio (1728-34), em 1736, Venegas, então escrevendo as 'Empresas Apostólicas', endereçou a Luyando uma série de 22 questões, bastante particularizadas e minuciosas, concernentes não apenas às missões, mas à Califórnia em geral⁵⁰. Tal metuciosidade torna ainda mais intrigante o desprezo de Venegas-Burriel por observações cuidadosas e minuciosas feitas por dois colegas de Ordem, apoiando-se em afirmações genéricas de um certo Morera, cuja própria existência não pode ser provada, ou nas estórias de fadas do capitão Márquez Oñates⁵¹. Outro exemplo do cuidado do autor com detalhes históricos, mas também geográficos e mesmo agrícolas, aparece quando trata da diligência dos jesuítas em relação a seus neófitos e suas terras. Segundo ele, desde a sua entrada na Califórnia, até o presente, os jesuítas têm tido uma só direção em sua prática, tanto em assuntos civis quanto eclesiásticos: prosseguir suas descobertas, converter os índios, estabelecer povoados, cultivar a terra próxima a eles. Executando tais ofícios com diligência e perseverança, os jesuítas têm conseguido construir vinhedos que se aproximam da perfeição na medida em que o vinho aí produzido não pode ser considerado inferior ao da Europa. Pois travavam-se de vinhedos que exigiam conhecimentos específicos sobre técnicas de plantio, colheita, fermentação, etc., e dos quais o autor oferece informações 'precisas e distintas'.

Conforme vimos, no manuscrito original de 1739 o autor havia dedicado dois capítulos a refutar as descobertas de Kino, preferindo apoiar a opinião do frei de la Ascención sobre a geografia do norte da Nova Espanha, considerando fantásticas as supostas expedições que haviam cruzado o Estreito de Anian, que permitiria o acesso do Mar do Norte (Golfo da Califórnia) para o Mar do Sul (Oceano Pacífico). A prova, segundo ele, estaria no relato do Almirante Vizcaino, cuja expedição foi incapaz de cruzar o estreito 'devido à força da correnteza'⁵². Nesse ponto, como em muitos outros, alerta-nos Dunne que Venegas-Burriel prefere basear-se fortemente na *Monarquía Indiana*, de Juan de Torquemada do que nas recentes descobertas passíveis de comprovação⁵³. Uma decisiva fonte do autor é o relato do piloto espanhol Morera, também conhecido como Morena, que navegando pela região havia ficado convencido de que um braço de mar separava o Novo México da Califórnia, uma ilha. O que mais convence Venegas nesse relato é o 'fato de o piloto Morena não ter qualquer razão possível para mentir: portanto, seu testemunho deve ser aceito'⁵⁴.

Quando as *Empresas Apostolicas* foram editadas, e complementadas, por Burriel, ficando prontas para a publicação 17 anos após Venegas ter escrito a última linha, um dos censores reais considerou o trabalho obscuro no que concernia à Califórnia. Don Sebastián del Castillo Ruix de Molina (um dos conselheiros de Sua Majestade, membro da *Camara de Gracia y Justicia*, secretário da *Real Audiencia*, etc.), respondendo às ponderações de um grupo de censores em 13 de fevereiro de 1756, considerou o trabalho bom, 'ainda que os esforços do autor não tenham sido muito bem sucedidos na parte na qual ele deveria deixar-nos demonstrativamente certos sobre ser a Califórnia uma ilha ou uma península'⁵⁵.

Anexado à edição Venegas-Burriel de 1758, entretanto, o tom do pronunciamento é ligeiramente, mas significativamente diferente. A 'Aprobación del señor don Jacobo Samaniego, del Consejo de Su Majestad, en el Real de Hacienda' adverte que no que se refere às 'Reglas Astronómicas y Geografía Superior', a falta de exatidão dos estudos existentes, deixará para as próximas gerações

*'o Problema, se o grande pedaço de terra (Califórnia) é uma ilha, ou parte do continente de nossa América Setentrional, uma vez que as observações até então feitas não são suficientes, como não o são as porfiadas tentativas dirigidas à Bacia do Hudson, com aquele motivo (a passagem noroeste para a Ásia?)'*⁵⁶.

Ou,

*Todas essas [proposições], entretanto, não são nada mais que conjecturas, sobre as quais não se deve enfatizar muito. Por enquanto, é necessário esperar por uma solução para a questão, até que o mesmo espírito de descoberta que nos trouxe os primeiros contatos com as Índias e com a América revelem-nos, com igual certeza, se o que se interpõe entre esses dois continentes é mar ou terra, ou a mistura de ambos'*⁵⁷.

Dunne não consegue conter sua indignação ao constatar que tais dúvidas ainda persistissem 57 anos após as claras afirmações de Kino e Salvatierra, 37 anos após aquelas de Stafford e Ugarte, e somente 10 anos após todo as observações de homens que lá estiveram terem sido confirmadas por Consag. O paradoxo torna-se ainda maior quando se percebe a cooperação entre Coroa espanhola e missionários jesuítas na consolidação do império espanhol na Califórnia, conforme expressa na venerável tradição de emissão de cédulas reais garantindo a colonização da Califórnia aos jesuítas. O então provincial jesuíta na Nova Espanha, Cristóbal de Escobar y Llamas (1743-1747) remeteu ao rei dois relatórios sobre a Califórnia, e chegou a sugerir-lo que fosse organizada uma *expedição real* para investigar se a Califórnia era uma ilha ou uma província. Então, apesar de todas as demonstrações anteriores, uma nova expedição foi remetida pelo rei Fernando VI em 1747, sob a liderança do pe. Consag. Após suas descobertas, por mar, provarem que se tratava de uma península, pareceria não haver mais espaço para oposição. Foi quando Venegas-Burriel reconheceu a realidade da tese de Kino:

*Para o presente é suficiente repetir que essa viagem [de Consag] tornou evidente que a Califórnia é uma península unida ao continente da Nova Espanha e que o fim do Golfo é o Rio Colorado'*⁵⁸.

Acrescenta, porém, em forma de nota, que não teria sido apenas a expedição do pe. Consag, mas a combinação de seus resultados com o de várias expedições anteriores, que teria fornecido a prova da tese:

Embora a viagem e exploração do pe. Consag não prove conclusivamente que a Califórnia seja uma península, porque o golfo poderia ter alguns canais de comunicação com o Mar do Sul percorrendo as costas de Sonora e da Pimería (...); em todo caso, se essas observações forem tomadas conjuntamente com aquelas por nós fornecida na parte III sobre explorações por terra desde Sonora até o Rio Colorado, torna-se claro que não há comunicação [do golfo com o Mar do Sul]. E então fica demonstrado que a Califórnia é uma península unida ao continente americano⁵⁹.

Felizmente, a própria reedição de Venegas- Burriel parece aceitar plenamente as conclusões de Consag⁶⁰. No fim do volume III o leitor encontra um mapa do Oceano Pacífico e dos continentes que o rodeiam, introduzido por um censor ou editor final para substituir o que Burriel havia feito, mostrando a Califórnia como uma península⁶¹.

3) Importância político-estratégia da conquista espiritual da Califórnia

Na quarta parte da *História da Califórnia* Venegas-Burriel adiciona algumas informações referentes ao corpo da obra, com a nítida preocupação de fortalecer a tese da península da Califórnia. Os principais apêndices aqui selecionados são: a breve descrição do antigo Gomara, as viagens do capitão Sebastian Vizcaino à Califórnia em 1602, o último reconhecimento do Golfo da Califórnia até o seu extremo, as descobertas do Rio Colorado em 1746 pelo pe. Fernando Consag; e finalmente, a breve descrição do célebre capitão Woodes Rogers e do lord inglês Anson, e as tentativas inglesas de buscar uma saída para o Mar do Sul pelo norte da América.

Se alguns apêndices parecem ter sido selecionados pelo pe. Venegas, alguns não podem tê-lo sido até por razões cronológicas. Refiro-me especialmente ao talvez mais decisivo dentre eles, o que reproduz o relato do pe. Consag, datado de 1746, sete anos após a redação das *Empresas Apostólicas*. A própria redação da introdução à parte IV, composta pelos apêndices, denuncia uma edição de Burriel. O autor(s) propõe-se a corrigir o trabalho de Almirante Jorde Anson, que trata do comércio com as Ilhas Filipinas e do que acredita ser a relação delas com a Califórnia, e de relatos ingleses, especialmente no que se refere à dúvida, ainda presente em tais escritos, sobre tratar-se a Califórnia de uma ilha. Para esclarecer quaisquer dúvidas referentes à situação geográfica da Califórnia, Venegas-Burriel oferece 'um *mapa general* de toda a América Setentrional, parte da Meridional, toda a Ásia Oriental até Bengala e do enorme Mar do Sul que separava essas duas grandes partes do mundo'.

De especial interesse é a introdução aos documentos apresentados como 'documentos seguros', reproduzidos pelo autor(s), e com os quais ele dialoga. Aqui, como veremos, a mistura de argumentos religiosos, naturais e político-estratégicos a que nos referimos no início do artigo, é claríssima. O autor(s) alerta o leitor sobre a importância de ele, enquanto um ser racional, ter uma noção completa e perfeita do globo por nós habitado. Pois, a esse respeito, a Providência nos têm dado, de forma sábia, a curiosidade necessária para seguirmos o que de fato nos interessa. Na qualidade de servidor do poder marítimo espanhol, enfatiza a intensidade com que cada descoberta geográfica afeta necessariamente a navegação, comércio e defesa das fronteiras do império espanhol, direta ou indiretamente. Segundo Venegas-Burriel, se seus contemporâneos conseguíssem achar a passagem ao norte, ela sem dúvida abriria um importante atalho entre as Novas Índias e as Velhas. Enquanto tal não ocorre, o primeiro passo necessário para que se faça tal descoberta é partindo do conhecido em direção ao desconhecido (...) é fornecendo uma descrição clara e exata da Califórnia⁶².

Por que estaria ele valorizando uma região reconhecidamente árida, infeliz, ingrata e miserável? Segundo ele, a Califórnia já demandou, para a sua conquista e redução, extraordinários gastos e diligências da Coroa espanhola desde os tempos de Hernán Cortés. Tal redução foi finalmente alcançada pelos padres jesuítas no século XVIII, graças a

Providência Divina. Por que seria então sua conquista tão importante? Antes de mais nada, argumenta Venegas-Burriel, porque apesar da miséria e pobreza, a situação geográfica da Califórnia preciosa: o que torna sua conquista e redução à religião cristã prioritária em relação a 'outros países' da América⁶³. Respondendo mais pormenorizadamente à questão, o autor desenvolve duas ordens de argumentos: os chamados 'motivos antigos' e os 'motivos modernos'. Dentre os antigos, o primeiro seria o fato de a Califórnia desempenhar um papel essencial na conexão com as províncias fronteiriças do 'continente da Nova Espanha'. A sujeição da Califórnia a Deus e ao Rei é essencial para que os *vecinos* possam dar prosseguimento à pesca de pérolas oferecidas pelo Golfo da Califórnia, e para que se impeça o contrabando por mar, de uma província para outra, desde Acapulco até o Rio Colorado. Pois é sabido que a Califórnia tem dado abrigo a vários piratas e corsários que por ali passaram. E seria de grande temor e risco para o 'Império Mexicano' se alguma potência estrangeira conseguisse fortificar-se e estabelecer-se na Califórnia⁶⁴.

A Califórnia não é todavia menos importante para o progresso da fé, e da extensão dos domínios do rei espanhol na América Setentrional. Como o autor já havia mostrado na terceira parte, as missões jesuítas não se restringiram às 'ricas províncias de Culiacán, Sinaloa, Ostimuri, Yaqui e Sonora, mas avançaram até a Baixa e Alta Pimería, penetrando até os grandes rios Gila e Colorado, avistando as fronteiras dos Moqui, no Novo México'. Faltava ainda finalizar a redução dos Papagos, Guaimas, Tepocas e Seris, habitantes da última costa estéril do Continente da Nova Espanha, sobre o Golfo do México, que acabam de rebelar-se, matando os seus missionários e unindo-se aos 'ferozes Apaches'. A redução desses índios será sempre muito difícil se tenta-se entrar em suas possessões por terra; mas muito fácil se penetrando em suas costas pela fronteira da Califórnia, como nos mostrou a experiência do pe. Salvatierra. Em suma, a conquista espiritual e temporal da Califórnia abriria imensas possibilidades de expansão territorial para o império espanhol⁶⁵. E, para tal, o autor oferece uma verdadeira estratégia militar.

*Quanto poderia progredir e apressar essa conquista espiritual e temporal, se, de uma só vez, missionários subissem o Golfo da Califórnia pelos dois lados, reduzindo as nações intermediárias, até unirem-se uns e outros às margens do Rio Colorado, continuando desde ali, juntos, até atingir as ditas costas, portos, cabos e rios sobre o Mar do Sul?*⁶⁶

A Califórnia serviria também de porta de comunicação entre a Cidade do México, o Mar do Sul e regiões longínquas ao norte, tão freqüentemente desprovidas de roupas, utensílios e mantimentos. Sem esses portos e comunicação por mar, é impossível manter missões, e muito menos colônias, pueblos, estâncias e haciendas de famílias espanholas em tão remotas províncias. Mesmo no caso de se conseguir certos melhoramentos em regiões como Pimería e Sonora, como teriam eles continuidade sem uma comunicação marítima, e convivendo com índios tão bárbaros? O veredicto de Venegas-Burriel é simples: a situação da Califórnia torna-a um lugar essencial para a conservação e expansão da fé, da cristandade e do domínio espanhol na América⁶⁷. A Coroa deve ter em mente que a conquista de tão importante região se deu de forma rápida, desde meados do século XVII, quase sem ajuda do governo, sob a liderança de missionários jesuítas, que também tomaram a si as tarefas militares. Como tal sucesso só pode ser explicado pela bondade e vontade de Deus, Venegas-Burriel lança a pergunta: quantos mais sucessos não adviriam para a Igreja Católica com a incorporação de novas populações, além do grau 40 de latitude, nos anos seguintes?

Mesmo que fosse apenas para manter as fronteiras atuais, o controle sobre os portos da Califórnia é estratégico para o comércio dos espanhóis com as Ilhas Filipinas. Por falta de escala, prossegue ele, inúmeros espanhóis pereceram nesta larguíssima travessia mesmo em tempos de profunda paz. Há sido também bastante comum o apresamento de galeões por corsários ou piratas inimigos, que se abrigaram na Califórnia⁶⁸.

Acrescente-se a esses motivos antigos - que vêm ocorrendo desde séculos anteriores - os motivos modernos, recentes: os avanços russo e inglês em direção à costa noroeste da América⁶⁹. Os russos, adverte ele, não só têm estendido seu vastíssimo império em terras asiáticas, como começam a movimentar-se em direção às partes mais setentrionais do Mar do Sul, civilizando e construindo colônias em outros países, tendo já desembarcado na América.

Por que não conquistariam eles a Califórnia se essa fosse abandonada pelos espanhóis? 'Quem hoje reconhece costas e terras, amanhã poderá erigir colônias e estabelecimentos'⁷⁰. Quanto aos ingleses são conhecidas as suas tentativas de achar uma passagem para o Mar do Sul pelo norte da América, e pelas Baías do Hudson e Baffins. A última expedição neste sentido acaba de ocorrer, em 1753 (ou seja, 14 anos pós a publicação do manuscrito original de Venegas em 1739). Se um dia os ingleses acharem tal passagem, o que os impediria de, a partir dela, declararem-se donos das províncias do Novo México e Moqui, dos rios Gila e Colorado, e mesmo da parte setentrional da mesma Califórnia, que são as fronteiras de nossas missões e fortes ao norte da América? 'Os papéis públicos nos têm anunciado que os ingleses tencionam atravessar desde a Índia Oriental o Mar do Sul, e formar plantações e estabelecimentos nas costas da América'⁷¹. É sempre importante se ter em mente, advertenos, que várias colônias que no presente pertencem aos ingleses, pertenceram aos espanhóis no passado. Daí Venegas-Burriel enfatizar que

*em todos os tempos, mas mais ainda no presente, tem sido e é importantíssima a religião ao Estado, a conquista da miserável Califórnia, em detrimento de outras terras mais felizes da América*⁷².

Enquanto prova do perigo representado pelo avanço russo e inglês, e da conseqüente necessidade de se conhecer detalhadamente a Califórnia, Venegas-Burriel oferece ao leitor uma tradução da *Explicación del mapa de nuevos descubrimientos al Norte del Mar del Sur*, que M. M. de L'Isle e Buache, membros da Academia Real de Ciências, recém publicado em Paris. Nesta *Explicación* encontra-se um informe de M. de L'Isle sobre a situação da última extremidade da Ásia, e das navegações modernas dos russos pelo Mar do Sul, seus descobrimentos nele, e suas visitas às costas mais setentrionais da América. Também é parte da dita *Explicación* o relato de um certo almirante espanhol Bartolomé de Fonte, do ano de 1640, contando haver feito descobrimentos prodigiosos e nunca ouvidos em toda a travessia da América Setentrional sobre a Califórnia, desde o Mar do Sul até o Mar do Norte. Tendo sido primeiramente publicada na Inglaterra, e depois na França, parece suspeito ao autor(s) que ela tenha sido por muito tempo apresentada como apócrifa⁷³.

O medo que os espanhóis têm de serem invadidos, mesmo em suas partes mais distantes, é muitíssimo bem fundamentado, alerta Venegas-Burriel. O temor de que os ingleses se estabelecessem nas partes mais remotas de suas colônias, conectando essas partes com suas demais possessões, por exemplo, parece ao jesuíta 'uma coisa bem provável'. Mas ele próprio não considera a invasão inglesa um perigo eminente. O que ele pretende demonstrar é que a decisão ainda está nas mãos dos espanhóis. Pois, enquanto seus compatriotas confrontam-se com a difícil tarefa a eles imposta de estabelecer, aperfeiçoar e fortificar as regiões selvagens - 'as piores da colônia' - os ingleses, 'caso tentassem fazer coisa semelhante, provavelmente se estabeleceriam em um clima agradável, com solo fértil, e em regiões bem povoadas, de onde eles, com certeza, comandariam os mais valiosos ramos do comércio que já se descobriu'⁷⁴. A referida proposta requer, naturalmente, a manutenção, ou melhor, o fortalecimento das missões jesuíticas na região da Califórnia.

Venegas-Burriel parecia conhecer bem sua audiência, particularmente os receios em relação às suas possessões ultramarinas que rodeavam a corte dos Bourbons. De fato, em um contexto no qual a Espanha perdia controle sobre suas possessões no Oriente e ao sul do continente americano, não parecia muito promissor, não era difícil convencer Felipe V, da dinastia dos Bourbons, sobre o estabelecimento de novos portos e consolidação dos antigos na Califórnia. Além de garantir a consolidação do império espanhol em região reconhecidamente problemática, afinava-se com a política de expansão territorial, agora em direção ao norte, garantindo não apenas a continuidade do comércio com as Filipinas como construindo um obstáculo para impedir o avanço de potências rivais, européias ou asiáticas.

Conclusão

As ponderações de Venegas-Burriel sobre a importância estratégica da Califórnia para a manutenção e expansão do império espanhol podem induzir-nos a concordar com Pradeau

quando afirma que o Rei tinha uma relação especial com tais missões jesuíticas, ainda que tais laços não tenham sido fortes o suficiente para impedir que a medida de expulsão dos jesuítas, poucos anos depois, fosse implantada de forma uniforme em toda a América espanhola⁷⁵.

Escrevendo em um momento bastante delicado no que concerne às relações dos jesuítas com a Coroa espanhola, então implementando as reformas borbônicas, claramente anti-jesuíticas, Venegas-Burriel pisa em ovos. Faz questão de deixar clara sua situação de servidor zeloso da Coroa, ao mesmo tempo que profundo admirador do papel missionário dos jesuítas no norte da Nova Espanha e em outras regiões da América. Enquanto os espanhóis confrontam-se com tortuosos questionamentos sobre as causas do 'atraso da Espanha' - grande parte deles atribuindo-os aos jesuítas - Venegas-Burriel oferece um avaliação diferente, porque positiva. Considera estar a Espanha na mesma situação de outras nações européias, nem mais atrasada nem mais evoluída. Os espanhóis não estariam desinformados sobre a natureza das doenças políticas que gradualmente consumiam-os, ou ignorantes dos remédios a serem ingeridos. O que eles querem é o poder de aplicá-los. Venegas-Burriel considerava que a possibilidade de restaurar o vigor da Monarquia espanhola residia na reativação da circulação de bens (comércio) através de todos os membros do império.

Estaríamos escutando aqui ecos das formulações de Francisco Suárez e Juan de Mariana concernentes ao poder do povo de decidir sobre seus destinos, incluindo a prerrogativa de depor o mal monarca, através de formas legítimas? É possível, embora o conservadorismo do autor em outros assuntos - a tese do pe. Kino, por exemplo - possa nos sugerir o oposto. Sabe-se que as teses de Suárez e Mariana não eram unanimemente aceitas entre os jesuítas. Já a discordância em relação à tese dos reformadores esclarecidos sobre o atraso espanhol parece ter sido uma constante entre os jesuítas, normalmente considerados, pelos iluministas e reformistas ligados ao despotismo esclarecido do século XVIII, os responsáveis pelo referido atraso.

Chama a atenção a ênfase do autor na sua situação de servidor leal do rei da Espanha. E não fala apenas em seu nome, senão enquanto representante das missões jesuíticas então em pleno desenvolvimento na Califórnia, mantendo e expandindo as possessões do império espanhol, e ao mesmo tempo protegendo o dito império das ameaças russa e inglesa. Seu apoio à expansão do império implica, porém, a sugestão de medidas econômicas, políticas e missionárias destoantes daquelas prognosticada pelas reformas 'iluministas' de Carlos III.

O autor não explicita qualquer referência ao medo, então disseminado na corte espanhola, em relação ao estabelecimento de um império jesuíta na América. Mas parece estar respondendo de certa forma a ele ao centrar seu argumento na comunidade de interesses entre a Cia de Jesus e o Império Espanhol. Dessa forma, Venegas-Burriel e outros jesuítas no noroeste da Nova Espanha, embora contrários à política da coroa espanhola, fazem a defesa do estado espanhol no que se refere à disputa fronteiriça com os ingleses e russos, para o qual a Califórnia era de importância estratégica. O que parece diferente do que estava acontecendo no Paraguai no mesmo período, onde a disputa fronteiriça entre Portugal e Espanha confronta jesuíta com jesuíta. Em tais circunstâncias, o ultramontanismo da Cia de Jesus não pôde fazer concessões à política nacionalista e de afirmação da soberania nacional dos Bourbons, como foi possível na Califórnia, onde o 'inimigo externo' a Rússia ou Inglaterra.

¹ Estou usando científico no sentido amplo de interesse por história natural, botânica, geografia, astronomia, etc..

² Trata-se de projeto de pós-doutorado sobre pensamento jesuítico na Nova Espanha no século XVIII, que venho desenvolvendo na University of Maryland, EUA, financiado pela Capes.

³ Trato desses assuntos mais detalhadamente em Beatriz H. Domingues. *Tradição na Modernidade e Modernidade na Tradição*. A modernidade ibérica e a revolução copernicana. Rio de Janeiro: COPPE-UFRJ, 1996; "Tradition and Modernity in Sixteenth and Seventeenth Century Iberia and the Iberian American Colonies" in *Mediterranean Studies. The Journal of the*

Mediterranean Studies Association, Aldershot, Burlington, Singapore, Sydney, Ashgate Publishing Ltda, v.VII, 1999, pp.193-218; "A Filosofia e Ciência Modernas nos Escritos do Padre Simão de Vasconcelos" in *Numen- Revista de Estudo e Pesquisa da Religião*, Juiz de Fora, Editora da UFJF, vol.2, n.2, 1999, pp.105-139.

[4](#) Dentre os anteriores, poderíamos citar os padres Kino e Ugarte. Dentre os contemporâneos a ele, os também jesuítas padres Clavijero e Alegre.

[5](#) Isso fica muito claro no cap.VII, intitulado 'De la antigua falsa religion de los californianos. Como era comum às publicações espanholas na época, os escritos de Venegas vêm precedidos de sete licenças, pareceres e autorizações: a licença da ordem; o parecer do pe. Bernardo Loranço Vélez, da Cia de Jesus; a licença do ordinário; a licença do Supremo e Real Consejo de las Indias; a aprovação do sr. don Jacobo Samaniego, do Consejo de su Majestad en el Real de Hacienda; licença del Conselho; Taza.

[6](#) François Chevalier. 'The formation of the Jesuit Wealth' in Magnus Mörner (ed.). *The Expulsion of the Jesuits from Latin America*, New York: Alfred A Knopf, 1965, pp.94-103. Ver também François Chevalier. *Land and Society in Colonial Mexico*, Berkeley/Los Angeles: California University Press, 1963.

[7](#) Chevalier. Op. cit., p.98

[8](#) Neste época o reino da Nova Espanha abarcava territórios ao norte o oeste da Nova Espanha até o Novo México e Arizona, a Península da Baixa Califórnia e trechos da atual Califórnia.

[9](#) Ver introdução à primeira edição inglesa de Miguel Venegas. *A Natural and Civil History of California*. London, J. Rivington and J. Flecher, 1759, cujo tradutor e provável autor do prólogo permanece anônimo.

[10](#) Dentre eles merece destaque o pe. jesuíta Peter Masten Dunne. 'Lower California an Island' in *Mid-América. An Historical Quaterly*, vol.XXV, (New Series, vol.XXIV), 1953, pp.37-66;

[11](#) O título do manuscrito original é *Empresas Apostolicas de los PP. Missioneros de la Companhia de Jesus de la Provincia de Nueva España Obradas en la Conquista de Californias, debidas e Consegradas al Patrocínio de Maria Sanctissima, Conquistadora de Nuevas Gentes de su Sagrada Imagen de Loreto. Historiadas por al Padre Miguel Venegas en la Misma Compañia de Jesus.*

[12](#) Devo tais informações ao interessantíssimo artigo escrito pelo jesuíta Peter Masten Dunne, que mostra-nos, no decorrer da obra de Venegas-Burriel, uma expressiva resistência às recentes e às então não tão recentes descobertas sobre a Califórnia feitas por seus próprios colegas jesuítas. No manuscrito original de 1739 Venegas havia dedicado dois capítulos (X e XI do livro VIII) para refutar idéias dos exploradores jesuítas Kino e Ugarte. Dunne. Op. Cit. p.52.

[13](#) Peter Masten Dunne. 'Lower California an Island'.

[14](#) A escolha do termo Califórnia refere-se, portanto, à novela de Montalvo a respeito da ilha habitada pelas Amazonas onde inspirou-se Bernal Diaz del Castillo. Ver Irving Leonard. *Books of the Braves*, New York, Gordian Press, 1964; Peter Masten Dunne. Op.cit. pp.37-66.

[15](#) Os relatos de Vizcaino estão incluídos na *Monarquia Indiana*, de Juan de Torquemada. Também Venegas reproduz a *Relación de el viaje del Capitan Vizcaino* em sua *Notícia de la California y de su conquista temporal y espiritual hasta el tiempo presente* no Apêndice II, parte IV

[16](#) Venegas, p.27

[17](#) Os principais estudos a que se refere são: a) o do jesuíta Juan Bautista Duhalde, que fez uma viagem, por ordem do Czar da Rússia Pedro o Grande, para averiguar a comunicação entre Ásia e América. *Descripción Geográfica, Histórica, Chronológica, Política y Physica del Império de la China y de la Tartaria Chinesa*. Paris, 1735; b) Don Jorge Juan e don Antonio Ulloa, etc. *Viaje a la America Meridional, hecho de orden de su Magestad para medir alguns grados de Meridiano Terrestre, y venir com ellos en conocimiento de la verdadera figura, y magnitud de la Tierra, con otras observaciones astronómicas y Phisicas*. Madrid, 1748, 2a parte, livro 3, cap.7; c) Padre Kino: um mapa intitulado *Paso por Tierra a la California, y sus confinantes: Nuevos Naciones, y Nuevas misiones de la Compañia de Jesus en la America Setentrional, descubierto, añadido y demarcado por el pe. Francisco Kino desde el ano 1692 hasta el de 1701*; d) Don Joseph Antonio de Villa-Señor y Sánchez. *Teatro Americano. Descripción general de los Reinos y Provincias de la Nueva España, e sus Jurisdicciones*. Mexico, 1746 y 1748, livro 6, cap.39. Venegas-Burriel aponta as concordâncias e discordâncias desses estudos com vários outros de viajantes britânicos e espanhóis.

[18](#) Venegas, vol. I, p.43.

[19](#) Cabeceras é o nome que se dá à população principal, na qual normalmente reside o missionário, que tem a seu cargo, regularmente, várias reduções ou pueblos pequenos, aos quais visita e assiste.

[20](#) Venegas. vol.I, p.45. Como na península só existem dois rios - o dos Coras e o Rio Melegé - as demais missões localizavam-se próximas a riachos cujas águas não desembocavam no mar, exceto em tempos de chuvas abundantes. As relaciones às quais o autor tem acesso não fazem, contudo, descrições detalhadas de tais rios e seus arredores, incluindo populações, portos, etc..

[21](#) Venegas, vol. I, p.45.

[22](#) Uma relação detalhada de estudos anteriores e de singularidades botânicas e animais está no cap.4, pp.47-63. Assinala como foi fácil a adaptação de mulas e cavalos trazidos para a Nova Espanha e a existência de duas espécies de montaria desconhecidas na Europa - o tayé e uma espécie semelhante ao carneiro. O pe. Torquemada já havia se referido à existência de ossos muito grandes, provavelmente de animais semelhantes à anta. Outra curiosidade assinalada é a existência de tigres, uma vez que peles desses animais foram trazidas aos espanhóis pelos índios na Bahia de San Bernabé.

[23](#) Venegas, vol. I, p.65.

[24](#) Venegas, vol. I, p.66

[25](#) Mas, além dessas nações já conquistadas, deve-se fazer menção a outras recentemente descobertas do lado do continente, na Pimería. Nelas, segundo Kino, vive a nação dos Bagiopas, dos Hoabonomas, dos Iguana e Cutguanés (p.67)

[26](#) Venegas, vol. I, p.67.

[27](#) Diferem, nesses aspectos, dos mexicanos, que usavam hieróglifos com os quais conservavam notícias cronológicas de sua religião, leis, histórias, etc. (p.68).

[28](#) Venegas, vol.I, pp.69-70.

[29](#) Venegas, vol.I, p.72

[30](#) Venegas, vol.I, p.74

[31](#) Venegas, vol.I, p.76

[32](#) Venegas, vol. I, pp.87-101

[33](#) Venegas, vol. I, p.160 e ss. A maior dificuldade doutrinal encontrada pelo pe. Kino foi como expressar, em língua indígena, o artigo 'Ressuscitou dos mortos'. Tentando contornar tal dificuldade, Kino teria ordenado que se fizesse um experimento: afogaram algumas moscas na água, na frente dos índios, para que pensassem que estavam mortas. Retiraram-nas, então, e as puseram a esquentar ao sol, e elas começaram a reviver. Os índios, espantados, exclamaram: Ibimuhueite! Ibimuhueite! Os padres escreveram imediatamente a palavra e fizeram sobre ela indagações a fim de acomodarem-na para significar a ressurreição de Jesus Cristo e dos mortos, 'na falta de uma explicação melhor' (p.166)

[34](#) A junta de 11 de abril de 1686 ordenou que o fiscal da Audiência, Almirante Otondo, e o pe. Kino, fizessem a regulamentação das somas necessárias. O parecer da comissão foi favorável, e a Cia de Jesus passou a encarregar-se também do aspecto temporal da conquista daquela região cheia de gravíssimos inconvenientes. Venegas, vol.I, p.168.

[35](#) Sobre a Rebelião de Tarahumara existe um documento, por muito tempo considerado apócrifo, de 2 de abril de 1690. Na verdade, o documento foi escrito pelo pe. Tomás de Guadalajara, da Cia de Jesus, em 1691. Reprodução do documento pode ser encontrada em Roberto Ramos. *História de la Tercera Rebelión Tarahumara*, Chihuahua, Chih.: Sociedad Chiuahuense de Estudios Historicos ,1950

[36](#) Esta cédula de Fernando V, com modificações, pode ser encontrada em Venegas-Burriel, II, p.501

[37](#) Venegas, vol.3, p.11

[38](#) Venegas, vol.2, p.12

[39](#) Venegas, vol.2, p.13

[40](#) Venegas, vol.2, p.13

[41](#) Venegas, vol.2, p.15

[42](#) Cópia do manuscrito original pode ser encontrada na Bolton Collection.

[43](#) Ugarte. *Relacion de descubrimiento del Golpho de Californias o Mar Lauretano, 1722*. Biblioteca Nacional, Californias, leg. 53.

[44](#) Venegas, Op. cit. vol.II, p.19. Uma das rebeliões mais significativas do período foi a de Tarahumares.

[45](#) Eusébio Kino. *Favores Celestiales* in Kino. *Historical Memoir of Primería Alta*, Cleveland, 1919, I, p.229. Also in Herbert Eugene Bolton. *Rim of Christendom*, New York, 1936, p.429

[46](#) Peter Masten Dunne. Op.cit. pp.46-7. Kino publicou um mapa intitulado *Passo por tierra a la California y sus Confinantes Nuevas Naciones y Nuevas Misiones d ela Compa, de Jesus en la America Septentrional*, 1701. Ver Herbert Eugene Bolton. *Rim of Christendo. A Biography of Eusebio Francisco Kino, Pacific Coast Pioneer*, New York: The Macmilliam Company, 1936 onde o mapa é reproduzido na página oposta à 400. Segundo Bolton, a data 1701, abaixo do mapa, está errada. O mapa teria sido primeiramente publicado em 1705 com o título: *Passage par la terre a la California*, (p.596).

[47](#) Velaverde. *Descripción de la Primería*, datado quando da ex-missão de Kino em Dolores, 30 de maio de 1716. Cf. Documentos Historicos Mexicanos, ser.IV, t. 1, p.344. Existe uma tradução para o inglês por Rufus Kay Wyllys in *New Mexico Historical Review*, VI (Abril, 1931),

pp.11-157, especialmente p.120. Rufus Kay Wyllys escreveu também uma importante biografia do pe. Kino. *Pioneer padre, the life and times of Eusébio Kino*. Dallas, Texas, The Southwest Press, c1935, onde encontra-se a edição francesa do mapa de Primería Alta feito pelo pe. Kino em 1705.

[48](#) Ugarte. "Relacion de descubrimiento del Golpho de Californias o Mar lauretano", 1722 (*Biblioteca Nacional, Californias*, leg.53) e Strafford, "Descripcion de Descubrimiento de las Californias desde el cauo de Sn. Lucas. esta al sur Sus misiones Puertos Baias Plazerres Naciones Reduzidas y Gentiles p. se tiene noticia la abitan y demas necessario pa. benir en cabel comprehension y de la Contra Costa pa. la parte del norte que es como se sigui" (1746).

[49](#) Peter Masten Dunne, Op. cit. p.47-9.

[50](#) Sobre o pe. Luyabdo ver Peter Masten Dunne. 'The Record Book of Lower California Mission', *Mid-America*, XXIX (July, 1947), pp.185-200 e 'Reports on Mission Santa Rosalia' *Mid-America*, XXXII (January, 1951), pp.43-55

[51](#) Para uma visão mais panorâmica do tema, ver Peter Masten Dunne. *Black Robes in Lower California*. Berkeley, University of California Press, 1952.

[52](#) Venegas, Manuscrito de 1739, p.22

[53](#) Dunne, Op. cit., p.53

[54](#) 'Empresas Apostólicas" (p.498) in Dunne, Op. cit., p.55.

[55](#) Arquivo General de Indias, 67-3-31, Guadalajara, p.137. Apud Dunne, Op. cit., p.56.

[56](#) Doct. don Jacobo Joseph Sánchez Samaniego, p.12

[57](#) Venegas, A3 e A4.

[58](#) Venegas, M. Op.cit. Vol.II, parte III, cap.22, p.552. Além disso, Burriel desenhou ou supervisionou a elaboração de um mapa da Califórnia e seu golfo, no qual a terra era mostrada como uma península.

[59](#) Venegas-Burriel, parte III, vol.2, p.189.

[60](#) O jesuíta croatiano Fernando Consag foi para a Califórnia em 1733 e imediatamente começou a trabalhar na Missão de Santo Ignácio, o estabelecimento mais ao norte até a fundação da Missão de Santa Gertrudis pelo referido jesuíta em 1752. A perene dúvida sobre a natureza da Califórnia levou-o a optar pela exploração pelo mar. Sobre o pe. Consag, ver Msgr. M. D. Krmpotic, *Life and Works of the Reverend Ferdinand Konsac, S.J. 1703-1759*, Boston, 1923.

[61](#) Peter Masten Dunne. Op. cit., p.57

[62](#) Venegas-Burriel, vol.3, p.11

[63](#) Venegas-Burriel, vol.3, p. 12

[64](#) Venegas-Burriel, vol.3, pp.12-3

[65](#) A relação entre expansão territorial e manutenção de uma ordem social político-econômica relativamente imutável tem sido uma característica dos países ibéricos desde a Idade Média, ainda presente nas tentativas portuguesa e espanhola de modernizar-se e, ao mesmo tempo,

manter suas possessões americanas na segunda metade do século XVIII. Para uma visão mais ampla do 'territorialismo ibérico', ver Rubem Barboza Filho. *Tradição e Artificio*. Iberismo e barroco na formação americana. Rio de Janeiro: IUPERJ; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

[66](#) Venegas-Burriel, vol.3, pp.13-14

[67](#) Venegas-Burriel, vol.3, p. 15

[68](#) Venegas-Burriel, vol.3, p.16

[69](#) Venegas-Burriel, vol.3, pp.16-17

[70](#) Venegas-Burriel, vol.3, p.17

[71](#) Venegas-Burriel, vol.3, p.17

[72](#) Venegas-Burriel, vol.3, p.18

[73](#) Venegas-Burriel, vol.3, pp.19-20

[74](#) Venegas-Burriel, vol.3, pp.21

[75](#) Alberto Francisco Pradeau. *La Expulsión de los Jesuítas de las Provincias de Sonora, Ostimuri y Sinaloa em 1767*. Mexico, Antiga Libreria Robredo, de José Porrúa e Hijos, 1959, pp.110-115